



Evangelicalismo: Origens, Teologia e Contexto Histórico

Uma jornada pelas raízes do evangelicalismo, seus principais expoentes do Primeiro Grande Despertamento e o desenvolvimento paralelo da teologia racionalista liberal no século XVIII.

TEOLOGIA HISTÓRICA

PROTESTANTISMO

Autor: Prof. Dr. Plinio Marcos Tsai

Fonte original: Apostila de Vinicius Couto, intitulada "As origens históricas e as bases teológicas do evangelicalismo e do liberalismo teológico", da Teologia EAD da Universidade Metodista de São Paulo.

Como Citar Este Material (ABNT 2023)

TSAI, Plinio Marcos. *Evangelicalismo: origens, teologia e contexto histórico*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2026. Slides de aula. Baseado em: COUTO, Vinicius. *As origens históricas e as bases teológicas do evangelicalismo e do liberalismo teológico*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2024.

O Termo "Evangélico" no Brasil

Quando falamos em "evangélico" no Brasil (do inglês *evangelical*), acabamos pensando nele num sentido muito amplo. Denominações de vários matizes acabam sendo colocadas no mesmo rótulo, desde os protestantes históricos (luteranos, anglicanos, presbiterianos) e os pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja Pentecostal Deus e Amor etc.) até os neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus etc.). Contudo, numa avaliação empírica, constatamos que esses grupos são bem diferentes.



⚠ Isso nos mostra que o termo "evangélico" está bastante inflacionado em nossa nação. A presente unidade pretende demonstrar as raízes históricas do evangelicalismo respondendo às perguntas: Quando e onde surgiu esse movimento teológico? Quais são os seus principais expoentes? É possível extrair suas principais bases teológicas?

A Origem do Evangelicalismo no Primeiro Grande Despertamento

O Primeiro Grande Despertamento foi um movimento avivalista ocorrido no século XVIII, marcado por uma visão pessimista do ser humano — com ênfase no pecado original e pessoal — e pelo conversionismo centrado na mensagem da graça divina, na santificação e em transformações sociais.

Principais personagens

John
Wesley

George
Whitefield

Jonathan
Edwards



O Que É Evangelicalismo?

O termo evangelicalismo está diretamente atrelado à palavra "evangélico". Em inglês, duas palavras diferentes possuem sentidos muito próximos: *evangelical* (evangélico) e *gospel* (evangelho/evangélico). Ambas estão ligadas ao vocábulo grego *euangelion*, empregado pelos autores neotestamentários para se referir às boas novas, conectadas à salvação.

Mark Noll (2003, p. 13) afirma que "a religião 'evangélica' [*evangelical*] sempre foi a religião 'evangélica' [*gospel*], ou religião centrada nas 'boas novas' de salvação trazidas aos pecadores por Jesus Cristo".

Na época da Reforma Protestante, o termo "evangélico" passou a assumir um sentido intercambiável ao movimento reformista. Ser evangélico, para Lutero, envolvia crenças como:

- Justificação pela graça mediante a fé (e não pelas obras)
- Suficiência de Cristo para a salvação
- Sacrifício definitivo de Cristo em sua morte expiatória
- Autoridade plena das Escrituras como regra de fé e prática

"No século XVI, as diferenças eram tão fortes que 'evangélico' tornou-se virtualmente sinônimo de 'protestante'" (Noll, 2003, p. 14).

Evangelicalismo: O Sentido Moderno e os 4 Pilares (Bebbington)

O termo evangelicalismo, tal como usamos hoje, tem mais a ver com o reavivamento ocorrido no Reino Unido e nas colônias inglesas na América do Norte ao longo do século XVIII. Esse movimento estava em direção muito similar à do pietismo alemão, que buscava: renovação interior, participação mais efetiva dos leigos, menos clericalismo e formalismo, e mais democratização das Escrituras.

De acordo com Bebbington (1989), a teologia do evangelicalismo que nasceu no Primeiro Grande Despertar possui quatro pilares fundamentais.



Conversionismo

A crença fundamental de que vidas precisam ser mudadas pela graça de Deus por meio da fé e sujeição a Cristo.



Ativismo

Embora a salvação não seja pelas obras, ela é para as obras, reforçando a expressão do Evangelho em esforço.



Biblicismo

Uma consideração particular pela Bíblia, de que ela é regra de fé e prática.



Crucicentrismo

Ênfase no sacrifício de Cristo na cruz, reforçando a obra expiatória e transformadora de Jesus.

John Wesley (1703–1791)

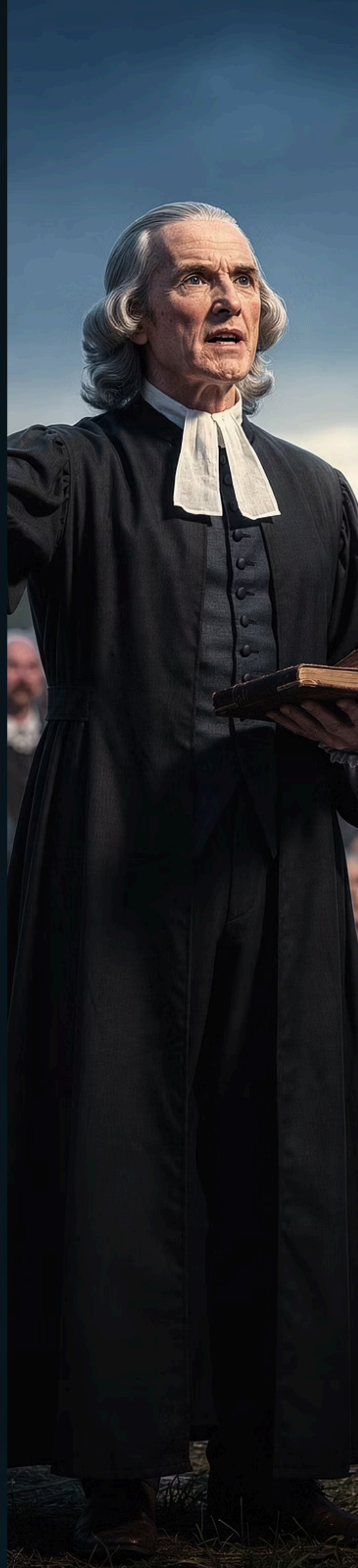
John Wesley foi um clérigo da Igreja da Inglaterra (Anglicana) que atuou como pároco na Geórgia e que desenvolveu atividades ao ar livre quando regressou à sua nação em 1738. Desiludido com uma série de coisas que não davam certo na colônia inglesa, ele pensava em desistir de suas ações ministeriais, mas experimentou um reavivamento pessoal em 24 de maio daquele mesmo ano quando foi visitar um culto pietista dirigido por morávios. Tal data ficou conhecida como o "dia do coração aquecido".

Engajamento social

- Lutou pela causa abolicionista
- Propôs reformas prisionais
- Denunciou problemas econômicos e políticos causados pelos ricos e pela coroa britânica
- Fez opção pelos pobres e marginalizados
- Realizou ações sociais em presídios, orfanatos e hospitais
- Escreveu um livro sobre medicina popular para ajudar pessoas carentes (Couto, 2024)

Teologia

- Perspectiva soteriológica arminiana
- Deus provê solução para o pecado por meio da graça preveniente, convincente, justificadora e santificadora (Oden, 1994)
- Relação com a patrística oriental e a renovação da imagem de Deus
- *Theosis* para os pais gregos e perfeição cristã para Wesley
- A ideia wesleyana vem do grego *teleiosis*, ligada à completude, maturidade e propósito (*telos*) (Noble, 2015)



George Whitefield (1714–1770)

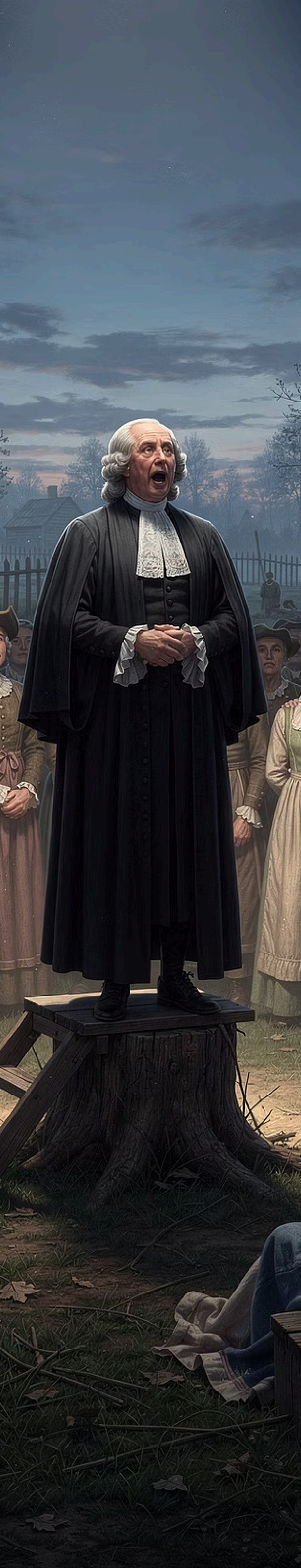
George Whitefield nasceu na cidade britânica de Gloucester, sendo oriundo de uma família pobre. Antes de sua conversão, Whitefield era *"dado à mentira, conversa obscena, galhofa tola, e que era um profanador do domingo, frequentador de teatro, jogador de cartas e leitor de romances"*, hábitos que cultivou até a idade de quinze anos (Ryle, 1978, p. 179). Whitefield descrevia, em sua experiência de conversão, que sentia como que um fardo pesado estava sendo removido. Tornou-se um ministro da Igreja Anglicana e foi um pioneiro quanto à pregação ao ar livre.

Calvinismo

- Perspectiva soteriológica calvinista baseada nas ideias de João Calvino (1509–1564)
- Salvação pela eleição divina, ocorrida na eternidade passada
- Deus elegeu os remidos, pelos quais Cristo morreu
- A expiação de Jesus não alcança os réprobos, pois já foram rejeitados na eternidade passada
- Não há participação humana na vocação soteriológica
- Cristo primeiro regenera o indivíduo para depois conceder-lhe arrependimento e fé
- Como a eleição é incondicional, uma vez salva, a pessoa nunca poderá se apostatar da fé (Palmer, 2010)

Questão social

- Pregava a necessidade de esforçar-se para matar a natureza caída (a carne), renunciando às práticas impuras
- Ligado a causas sociais, fundou um orfanato em Bethesda
- Ao contrário de Wesley, era favorável à manutenção do sistema escravista
- Alegava que esse modelo era necessário para o sucesso econômico de suas atividades filantrópicas nas colônias inglesas (Sloat II, 1994)



Jonathan Edwards (1703–1758)

Nascido em East Windsor (Connecticut), Jonathan Edwards estava conectado à tradição congregacional, onde serviu como pastor e missionário entre os nativos norte-americanos. Ele enfatizava a necessidade de uma experiência religiosa pessoal e genuína, em que a pessoa tivesse a vida mudada completamente, com frutos visíveis numa moralidade que servisse para a glória de Deus.

É famoso o seu sermão "**Pecadores nas mãos de um Deus irado**", baseado em Deuteronômio 32:35, em que enfatiza a santificação e mudança de vida pela graça e para a glória divina. Tal sermão mexeu com os ouvintes, ao ponto de pensarem que estavam prestes a ser tragados para o inferno, apegando-se aos bancos e às pilastras (Couto, 2016).

Calvinista, como Whitefield, ele enfatizava a noção da soberania de Deus em todas as coisas e negava veementemente a liberdade humana, com base na ideia da depravação total humana. A diferença quanto à liberdade, de sua perspectiva para a arminiana, é que, para esta, o arbítrio é liberto para que o ser humano responda à graça de Deus, de modo que o arrependimento e a fé precedem a regeneração. Para a tradição calvinista e edwardiana, não há libertação da vontade, senão que Deus regenera o eleito para que, depois de tal ato monergista, arrependimento e fé sejam concedidos (Palmer, 2010).

Edwards também foi um intelectual importante para a tradição reformada do século XVIII, tendo contribuído para discussões filosóficas: *Freedom of the Will* (Liberdade da Vontade), *Natural Philosophy* (Filosofia Natural) e *The Mind* (A Mente). No que tange às questões sociais, Edwards seguiu o espírito de seu tempo, sendo um apoiador da escravidão e possuidor de escravos, ponto que tem sido discutido como um elemento negativo em suas contribuições teológicas (Minkema, 1997).

Comparativo: Wesley, Whitefield e Edwards

Aspecto	John Wesley	George Whitefield	Jonathan Edwards
Soteriologia	Arminiana	Calvinista	Calvinista
Tradição	Anglicana/Methodista	Anglicana	Congregacional
Escravidão	Abolicionista	Pró-escravidão	Pró-escravidão
Ênfase	Graça preveniente, perfeição cristã	Eleição, nova nascença	Soberania de Deus, depravação total
Ação Social	Muito ativa	Moderada (orfanato)	Limitada

A Teologia Racionalista Concomitante ao Evangelicalismo

Se, por um lado, o Primeiro Grande Despertamento promovia o reavivamento espiritual, por outro, encontramos uma ênfase mais racionalista no universo acadêmico na mesma época. Em linhas gerais, os teólogos racionalistas seguiam uma perspectiva de negação.

→ **Negavam a inspiração bíblica**

Não criam que a Bíblia é a Palavra de Deus e negavam sua inspiração.

→ **Negavam o sobrenatural**

Negavam a existência de anjos e demônios, os milagres bíblicos e atuais, e a divindade de Jesus.

→ **Redefiniam pecado e salvação**

Substituíam o pecado pelas injustiças sociais e a salvação espiritual por uma salvação ética e social.

→ **Rejeitavam confissões históricas**

Afastavam-se das confissões cristãs tradicionais como Augsburgo, Helvética, Belga, 39 Artigos e Westminster.



Friedrich Schleiermacher

(1768–1834)

Friedrich Schleiermacher foi um teólogo e filósofo alemão nascido em Breslau. Tornou-se professor de filosofia e teologia em Halle an der Saale e também traduziu as obras de Platão para o alemão entre 1804 e 1822. Além de suas funções acadêmicas, atuou como pregador na Igreja da Trindade em Berlim. É considerado "pai da teologia moderna" (Olson; Grenz, 2003, p. 43).

Entre suas obras mais conhecidas estão: *"Discursos sobre Religião"* (1799), *"Monólogos"* (1800) e *"Doutrina da Fé"* (1822).

Schleiermacher buscou conciliar as concepções protestantes com as convicções de uma burguesia culta e liberal. Ele defendia que não há religiões falsas ou verdadeiras, mas que todas, com diferentes graus de eficiência, têm como objetivo conectar o homem finito com o Deus infinito, sendo o cristianismo a mais eficaz delas. Como teólogo transcendentalista, valorizava os sentimentos como aspecto central da religião, argumentando que o finito depende do infinito.

Seu pensamento pode ser resumido na ideia de *"sinto, logo existo"*, em que a experiência religiosa é uma atividade mental única e autônoma, originando-se do interior de cada pessoa. Essa abordagem o levou a negar a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. Mondin (2003, p. 24) explica que ele *"foi o primeiro a elaborar uma nova teologia partindo dos postulados kantianos. Em virtude de tais postulados, transfere a religião da esfera da razão para a do sentimento e reduz os dogmas a simples expressões dos sentimentos comuns de um povo em relação à Divindade"*.

A teologia de Schleiermacher divergia significativamente da ortodoxia protestante: incorporava elementos panteístas em sua teontologia, valorizava a revelação natural e a experiência sensorial em sua soteriologia e desconsiderava a autoridade das Escrituras em sua bibliologia (Hordern, 2004).



David Friedrich Strauss (1808–1874)

David Friedrich Strauss nasceu em Ludwigsburg, na Alemanha. Seu pai, um comerciante que faliu, encontrou consolo no pietismo alemão, o que Strauss e sua mãe rejeitaram. Aos 14 anos, ingressou no seminário protestante de Tübingen, onde mais tarde se tornaria professor. Além de teólogo, foi também filósofo e historiador da religião. Em 1831 foi estudar em Berlim, onde foi influenciado pelas ideias de Hegel e Schleiermacher.

Ao retornar a Tübingen, trabalhou em sua obra *Leben Jesu (Vida de Jesus)*, publicada entre 1835 e 1836, que causou escândalo na Europa cristã ao retratar Jesus como um personagem histórico e negar sua natureza divina, considerando o cristianismo um mito criado pela mente humana para descrever o Absoluto. Em sua obra, ele "*nega a divindade de Cristo e o valor salvífico de sua paixão e morte*" (Mondin, 2003, p. 26).

Strauss pode ser considerado um dos precursores da escola que passou a pesquisar o Jesus histórico, separando a história da estória. Na concepção de Strauss, a ciência provava que milagres eram impossíveis: Jesus não poderia ter nascido de uma virgem, mas de uma jovem; ele não ressuscitou, mas permanece vivo na memória de seus seguidores. Seria errado dizer que Jesus é o messias, pois essa era uma inserção intencional tardia de Marcos, com o chamado "segredo messiânico" (Hordern, 2004, p. 30).

Para Strauss, o sucesso do cristianismo podia ser explicado pelo "mito de Jesus", construído pela mentalidade judaica da época dos apóstolos. Strauss "*desenvolveu o conceito de 'mito evangélico' (histórias que nos são apresentadas não como expressão de fatos reais, mas como verdades teológicas)*" (Olson; Grenz, 2003, p. 41).

As ideias de Strauss tiveram um impacto tríplice: 1) Ludwig Feuerbach, cujas ideias foram transmitidas a Karl Marx; 2) Joseph Ernest Renan, representante do materialismo francês do século XIX; e 3) Ernst Haeckel, médico e biólogo darwinista que promoveu correntes científicas positivistas.

Albrecht Ritschl

(1822–1889)

Albrecht Ritschl nasceu em Berlim e era neto e filho de clérigos luteranos. Estudou teologia e filosofia nas universidades de Bonn e Halle, onde obteve seu doutorado. Juntou-se ao movimento teológico da Universidade de Tübingen, dedicado à reconstrução das origens do cristianismo e da história da Igreja. Lecionou na Universidade de Bonn de 1846 a 1864 e na Universidade de Göttingen de 1864 até sua morte em 1889.

Inicialmente conservador, foi influenciado pelas ideias hegelianas através do teólogo Ferdinand Christian Baur, e começou a enfatizar o conteúdo ético da teologia cristã, acreditando que os relatos históricos do Novo Testamento sobre Jesus Cristo deveriam ser vistos como história e não como milagres.

Ritschl desenvolveu uma teologia da revelação baseada na unidade entre a fé e a história, dando ênfase especial ao Novo Testamento, à história do cristianismo e à dogmática. Suas ideias foram sistematizadas na obra *Die Christliche Lehre von der Rechtfertigung* (A Doutrina Cristã da Justificação e Reconciliação), publicada em três volumes em 1870. Ele entendia que a religião precisava ser menos teorizada com discussões metafísicas e ser vista com um viés mais prático (Hordern, 2004).

Ele também tinha crenças controversas sobre a Trindade e a cristologia, rejeitando a doutrina trinitária como um fator metafísico e adotando a teoria do exemplo para a expiação de Cristo, vendo Jesus como um exemplo moral e não como um salvador vicário. Para Ritschl, a fé era uma experiência irreduzível, além da razão, e baseada em julgamentos de valor, refletindo influências do transcendentalismo de Schleiermacher e do criticismo da razão pura de Kant (Mondin, 2003, p. 27).

Ele via a religião em termos de moralidade e esforços pessoais para estabelecer o Reino de Deus, que ele entendia como um reino moral-ético. Ritschl é visto como um *"teólogo agnóstico"*, pois, embora valorizasse a experiência e a subjetividade, acreditava que conhecer Deus estava além da capacidade humana. Essa visão foi criticada por McGiffert (1934), que argumentava que o Deus dos ritschlianos poderia ser Jesus Cristo ou qualquer outro tipo de Deus.



Julius Wellhausen (1844–1918)

Nascido em 1844 em Hamelin, na Alemanha, Julius Wellhausen era filho de um pastor protestante. Estudou teologia na Universidade de Göttingen, onde se especializou em história do Antigo Testamento. Em 1872, foi nomeado professor de teologia na Universidade de Greifswald, mas renunciou ao cargo dez anos depois devido a conflitos com seus superiores. Em sua carta de despedida, Wellhausen expressou que sua abordagem científica da Bíblia não se adequava à preparação prática de estudantes para o ministério pastoral, o que pesava em sua consciência (Oden, 1987).

Wellhausen ganhou notoriedade por sua análise do Antigo Testamento. Em sua obra *Prolegomena zur Geschichte Israels* (Prolegômenos à História de Israel), de 1883, sugeriu que o Pentateuco não é obra exclusivamente de Moisés. A hipótese documentária, também conhecida como Teoria das Fontes, postula que os livros da Torá foram compostos por quatro fontes distintas entre os séculos 9 e 5 a.C.:

- **Javista (J)**: usa o tetragrama YHWH, escrita pelos escribas do sul de Canaã, em Judá
- **Eloísta (E)**: refere-se a Deus como El ou Elohim, criada por escribas do norte
- **Sacerdotal (P)**: escrita por sacerdotes preocupados com a observância de rituais e a hierarquia religiosa
- **Deuteronomista (D)**: associada ao rei Josias e à reforma religiosa em Judá (Ska, 2003)

Wellhausen argumentou que os livros do Pentateuco resultam de tradições orais que evoluíram ao longo do tempo. Sua abordagem crítica revelou que o Antigo Testamento apresenta uma compilação complexa de diferentes fontes e tradições, que desafiavam a visão tradicional da autoria mosaica e até mesmo "ameaçavam os próprios fundamentos do cristianismo" (Mondin, 2003, p. 410–411).

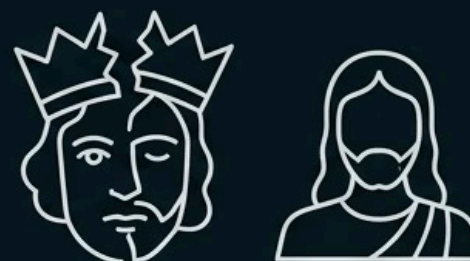


Panorama dos Teólogos Liberais



• Schleiermacher •

Religião como sentimento.
Negação dos milagres.



• Strauss •

Mito de Jesus.
Negação da divindade.

• Ritschl •



Reino de Deus ético. Fé
como julgamento de valor.

• Wellhausen •



Hipótese documentária.
Negação da autoria mosaica.

Evangelicalismo vs. Teologia Liberal: O Grande Paradoxo

Evangelicalismo (Primeiro Grande Despertar)

- Conversionismo: vidas transformadas pela graça
- Ativismo: salvação para as obras
- Biblicismo: Bíblia como regra de fé e prática
- Crucicentrismo: ênfase na expiação de Cristo
- Pessimismo antropológico (pecado original)
- Otimismo soteriológico da graça

Teologia Liberal (Racionalismo Acadêmico)

- Negação da inspiração bíblica
- Negação dos milagres e do sobrenatural
- Jesus como exemplo moral, não salvador
- Salvação ética e social, não espiritual
- Religião como sentimento ou moralidade
- Crítica histórica das Escrituras

Esses dois movimentos coexistiram no mesmo período histórico, criando um paradoxo fundamental que moldaria os desdobramentos da teologia contemporânea — incluindo as reações fundamentalista e neo-ortodoxa do século XX.

Conclusão

1 O termo "evangelicalismo" não é tudo que o senso comum imagina

Vimos que, ao contrário de como tem sido usado na concepção de senso comum e popular do meio cristão brasileiro, não é exatamente a junção de todos os grupos denominacionais do cristianismo não católico. Em vez disso, é um termo que nasce no protestantismo do Reino Unido com ênfases bem específicas, como o pessimismo antropológico e o otimismo soteriológico da graça. O componente pelagiano e semipelagiano comum no meio brasileiro contradiz a pregação evangélica setecentista do Primeiro Grande Despertar.

3 Havia um contraste com o racionalismo acadêmico

Finalmente, precisamos destacar o fato de que, se, por um lado, aconteciam os avivamentos do Primeiro Grande Despertar, por outro, encontramos uma ênfase mais racionalista no universo acadêmico na mesma época, com um movimento liberal a questionar diversas doutrinas centrais da fé cristã tradicional. Vimos alguns personagens, mas obviamente muitos outros ficaram de fora devido ao espaço, tais como Johann David Michaelis, Johann Wilhelm Herrmann, Adolf Von Harnack, Adolf Julicher, Hermann Gunkel e Johannes Weiss.

2 O evangelicalismo era socialmente engajado

Além disso, também aprendemos que o evangelicalismo era marcado por ações sociais contundentes, o que se estendeu aos evangélicos do Segundo Grande Despertar, com apoio a movimentos abolicionistas, feministas e de temperança.

4 O paradoxo é chave para a teologia contemporânea

A questão é que, para entendermos os próximos desdobramentos da teologia contemporânea, em suas reações fundamentalista e neo-ortodoxa, é imprescindível que captemos o paradoxo do evangelicalismo e do liberalismo teológico.

Referências Bibliográficas

BEBBINGTON, David William. *Evangelicalism in modern Britain: a history from the 1730s to the 1980s*. London/Boston: Unwin Hyman, 1989.

COUTO, Vinicius. *Culto Cristão: origens, desenvolvimento e desafios contemporâneos*. São Paulo: Reflexão, 2016. | COUTO, Vinicius. *Teologia Armínio-Wesleyana: teoria e praxis*. São Paulo: Reflexão, 2024.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. | NOBLE, Thomas. *Trindade Santa, Povo Santo*. Maceió: Sal Cultural, 2015.

OLSON, Roger E.; GRENZ, Stanley J. *A teologia do século 20*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. | PALMER, Edwin H. *The Five Points of Calvinism*. Grand Rapids: Baker Books, 2010.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

HORDERN, William E. *Teologia Contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2004. | MINKEMA, Kenneth P. Jonathan Edwards on Slavery and the Slave Trade. *The William and Mary Quarterly*, v. 54, n. 4, p. 823–834, Oct. 1997.

NOLL, Mark A. *The Rise of Evangelicalism*. Downers Grove: IVP Academic, 2003. | ODEN, Thomas. *John Wesley's Scriptural Christianity*. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

RYLE, John Charles. *Christian Leaders of 18th Century*. Pennsylvania: The Banner of True Trust, 1978. | SKA, Jean-Louis. *Introdução à Leitura do Pentateuco*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. | SLOAT II, William A. George Whitefield, African-Americans, and Slavery. *Methodist History*, v. 33, n. 1, p. 3–13, Oct. 1994.



Evangelicalismo: Raízes que Moldam o Presente

Compreender as origens históricas do evangelicalismo e o paradoxo com o liberalismo teológico é essencial para interpretar os desdobramentos da teologia contemporânea — das reações fundamentalista e neo-ortodoxa até os debates atuais sobre fé, razão e engajamento social.

Primeiro Grande Despertamento

Wesley, Whitefield e
Edwards —
conversionismo,
ativismo, biblicismo
e crucicentrismo.

Teologia Liberal

Schleiermacher,
Strauss, Ritschl e
Wellhausen —
racionalismo, crítica
histórica e negação
do sobrenatural.

O Paradoxo Fundante

Dois movimentos opostos que coexistiram e moldaram toda a teologia do século XX e além.

Nota sobre o Uso de IA Generativa

Embora a CAPES ainda não tenha emitido uma portaria específica consolidada sobre o tema até este momento, os parâmetros adotados por agências como o CNPq, em sua **Portaria nº 2.664 de 6 de março de 2026**, (que institui a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq, estabelece, em seu Art. 6º, inciso III, ser obrigatório declarar o uso de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG) de qualquer espécie e em qualquer fase do desenvolvimento da pesquisa (concepção, redação, análise de dados, submissão), especificando nos respectivos textos e exposições eletrônicas a ferramenta utilizada e a finalidade) e o **Guia sobre uso ético da Inteligência Artificial Generativa na Pesquisa da ANPOCS** estabelecem princípios fundamentais aplicáveis: transparência, autoria humana, responsabilidade do pesquisador e verificação dos conteúdos gerados. Diante desse panorama normativo, informamos as nossas exposições contam com a colaboração da ferramenta de inteligência artificial generativa **Gamma**, empregada exclusivamente como suporte técnico para auxiliar na organização da estrutura textual, na sistematização de conteúdos (tabelas) e na sugestão de formulações preliminares. Todo o conteúdo gerado pela IA foi rigorosamente revisado, validado e editado pelo autor (Plínio Marcos Tsai), que assume integral responsabilidade pela precisão, coerência e adequação acadêmica do material final. O uso da IA não substituiu o juízo crítico, a expertise em Filosofia e Teologia da análise do autor, tendo funcionado apenas como ferramenta auxiliar no processo de edição e formatação textual. A declaração deste uso atende aos princípios de transparência e integridade científica exigidos pelas agências de fomento à pesquisa no Brasil.